

A *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica* (RBPAB) tem o prazer de apresentar o último número vinculado ao volume dois do ano de 2017, em seu segundo ano de existência, que conta com artigos especialmente representativos dos modos de fazer a pesquisa (auto)biográfica, nos âmbitos nacional e internacional, através da ampliação das redes de pesquisa sobre narrativas, (auto)biografias e imagens, no campo educacional.

Os leitores poderão apreciar reflexões construídas e sistematizadas pelos autores acerca de saberes e de conhecimentos que se constituem como invenções, em processos de orientação e reorientação, em cartografias, nas quais os pontos fixos se misturam aos instáveis, e nas temporalidades, que realçam simultaneamente o instantâneo do vivido e a imagem duradoura fixada na memória. Talvez se possa dizer que o conhecimento produzido no interior dessa área de investigação tenha se firmado dialogando com trajetórias de investigação sensíveis às descobertas, portanto com destinos pouco determinados pelo pesquisador. Esse modo de andar por objetos fugidios, buscando alternativas mais comprometidas com os agentes sociais envolvidos na pesquisa, em uma escuta cuidadosa em relação às narrações proferidas nas entrevistas, nos escritos e nas imagens, são as fundações científicas e éticas da pesquisa realizada pelos investigadores da área. Nos trilhos e estradas que se entrecruzam, novos espaços e mapas vão sendo desenhados.

Em tempo, Gilles Lapouge (2009), intelectual francês, já disse a propósito de viajantes e, indiretamente, de escritores, ensaístas, críticos, historiadores e, é claro, geógrafos, sem deixar de incluir a sua própria experiência como jornalista: “todo evento, antes de ser histórico, é geográfico” e “sou alguém que decididamente

viaja para se perder”. Os primeiros geógrafos desbravavam espaços desconhecidos e perdiam-se constantemente e, para criar algum entendimento sobre o território que acabavam de conhecer, rabisavam croquis. Assim a ciência da geografia se constituiu. Conclui, então, Lapouge (2009): “Imagine se os homens primitivos tivessem GPS? Eles não se perderiam jamais, o que seria catastrófico. Sem que nos percamos, não somos capazes de ver a paisagem”¹.

Pode-se perceber, nesse e em outros volumes da RBPAB, novas paisagens de atuação sendo criadas na pesquisa sobre a formação de professores, no estudo das práticas educativas e no atendimento a pessoas com necessidades especiais e situações singulares de escuta e atenção. Reinventamos as propostas hegemônicas e modos formais de proceder, como aqueles propostos por manuais e currículos oficiais, favorecendo outras apropriações e usos diversificados de objetos culturais. Nesse momento de fruição, de interação, é possível abordar questões estéticas e éticas bem como reconstruir identidades e criar destinos não previsíveis para todos os envolvidos.

Assim, esse número da Revista acolheu o dossiê *Imagens, narrativas e currículos*, organizado por Nilda Alves e Maria da Conceição Silva Soares, composto por dez estudos de pesquisadores situados em diversas instituições de ensino e pesquisa, nacionais e internacionais, os quais têm se dedicado à investigação da construção curricular em sala de aula e de alternativas de formação de professores por meio da produção de artefatos culturais. O objeto privilegiado dos estudos são as linguagens imagéticas (fotografias, *selfies*, cinema, produção de vídeos, *memes* e histórias em quadri-

1 LAPOUGE, Gilles. Vida de escritor. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 12 set. 2009. Cultura, Caderno 2, p. D1.

nhos), em diálogo com a escrita de narrativas, buscando o potencial formativo e de produção de conhecimento sobre educação, inscritos nas representações concretizadas pelos sujeitos investigados, a saber: experiências e culturas de alunos do ensino médio; modelos, memórias e retóricas das autorrepresentações por meio de *selfies*; a linguagem cinematográfica em conexão com as histórias de vida de professores; a padronização e a recriação de identidades nacionais proporcionadas pela fruição do gênero cinematográfico da comédia; as representações de gênero e sexualidade nas histórias em quadrinhos, por alunos do ensino médio; as pedagogias culturais e as narrativas visuais dos *memes*; experiências de aprendizagem narradas em vídeo, por estudantes de uma escola pública do sertão baiano; novas sensibilidades em relação à Biologia, por meio de procedimentos experimentais de ensino; os usos da fotografia em cursos de formação de docentes de Educação Física.

A seção Artigos compõe-se de três estudos que dão mostra da diversidade de objetos atendidos pela perspectiva investigativa (auto) biográfica e de suas possibilidades de ensejar compreensões teóricas e intervenções na realidade social. Luis Gabriel Porta e Graciela Nelida Flores, em *Narratividad e interpretación: nexos entre la investigación narrativa y la hermenéutica*, explicam e discutem o fundo filosófico que influenciou a ascensão da pesquisa narrativa em ciências humanas. Para tanto, são abordados historicamente a criação dos temas centrais da pesquisa narrativa em educação: compreensão e interpretação; subjetividade e intersubjetividade, vivência e experiência.

Tornar-se outro de si mesmo em narrativas (auto)biográficas de pessoas com esclerose múltipla, escrito por Raquel Alvarenga Sena Venera, dá notícia de pesquisa sobre os intervenientes que formam a consciência e a subjetividade de pessoas acometidas pela Esclerose

Múltipla. Utiliza-se, como referencial teórico de análise das histórias de vida os apontamentos de Koselleck (2014)², sobre o conceito de tempo, nas suas dimensões de sincronicidade e diacronia, e interpreta os seus reflexos na constituição de memórias do momento de instalação dos sintomas da doença, da experiência anterior de vida e das transformações constantes da subjetividade, no presente.

O artigo de Edileusa do Socorro Valente Belo; Roseli Araujo Barros, Tadeu Oliver Gonçalves e Elizabeth Cardoso Gerhardt Manfredo, *História de vida de professores que ensinam matemática: um olhar sobre as pesquisas acadêmicas brasileiras produzidas na região Norte, de 2001 a 2012*, tem como objetivo analisar a produção acadêmica sobre a temática na região Norte do Brasil, destacando, no *corpus* de análise, as bases teórico-metodológicas e as potencialidades para a formação docente. A análise demonstrou que as pesquisas ocorreram em contextos diversificados da formação continuada e tendo como objeto as práticas docentes dos professores de matemática. Concluem pela necessidade de novas pesquisas, tendo em vista o entendimento das especificidades dos procedimentos metodológicos e referenciais teóricos mobilizados, envolvendo o ensino de matemática, e de criação de novos direcionamentos nas investigações.

Por fim, encerra o presente número, a resenha do livro de Philippe Lejeune, *Ecrire sa vie: du pacte au patrimoine autobiographique*, publicado em 2015. O autor produziu, desde os anos de 1970, fundamental obra teórica e de análise empírica sobre os escritos autobiográficos em diferentes suportes, ensaiando, inclusive, uma definição abrangente de gênero literário e estilístico para esses escritos de si. No Brasil, cresce o interesse pela obra de Philippe Lejeune, e por esse motivo espera-se que a re-

2 KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**. Estudos sobre História. Tradução de Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contratempo, 2014.

senha poderá auxiliar a leitura do autor, por pesquisadores brasileiros.

Esperamos que o número ora publicado, com as questões propostas e objetos de estudo destacados, possa contribuir para o aprofundamento e novos dimensionamentos na pesquisa (auto)biográfica. Mais que uma orientação do tipo GPS, objetiva-se oferecer, nesta edição, croquis rascunhados de paisagens que possibilitem a entrada em outros territórios de investigação. As imagens visuais,

orais e escritas, são fontes relevantes que dão a ver as sensibilidades e as subjetividades de agentes sociais. No entanto, são linguagens que desafiam nosso entendimento e sobre as quais há uma constante busca de referenciais teóricos e metodológicos. E mais, as imagens também são dados estrategicamente posicionados para intervenções formativas nos processos educacionais contemporâneos.

Comissão Editorial